

A Fotografia como Registro da Cultura Lúdica de Rio Branco - Acre¹

Aleta Tereza DREVES²

Maria do Socorro Craveiro de ALBUQUERQUE³
Universidade Federal do Acre - UFAC, Rio Branco, Acre

Resumo

Este trabalho refere-se à parceria realizada entre o Curso de Comunicação Social – Jornalismo por meio do projeto de pesquisa Iconografia da cultura lúdica de Rio Branco, e o Curso de Educação Física da Universidade Federal do Acre, tendo como foco o projeto Cultura Lúdica de Rio Branco. Objetivamos documentar e registrar o processo de construção de um perfil dos jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura local, tendo a fotografia como documento histórico e memória promovendo assim a interdisciplinaridade.

Palavras-Chaves: Fotografia. Cultura lúdica. Memória.

Considerações Iniciais

Este trabalho refere-se à parceria realizada entre o Curso de Comunicação Social – Jornalismo por meio do projeto de pesquisa Iconografia da cultura lúdica de Rio Branco⁴, e o Curso de Educação Física da Universidade Federal do Acre, tendo como foco o projeto *Cultura Lúdica de Rio Branco*⁵. Objetivamos documentar e registrar o processo de construção de um perfil dos jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura local, tendo a fotografia como documento histórico.

Ainda é possível entrever brincadeiras em ruas e praças nas cidades de pequeno e médio porte como a capital acriana (Rio Branco), que está localizada na floresta amazônica, fazendo divisa com os países como Peru e Bolívia, o que talvez não seja comum nos grandes centros, seja pelos novos meios de vida ou por espaços insuficientes de convívios.

O “isolamento” e a mudança de comportamento é algo que facilmente induz a outros modos de infância, seja pelo consumismo, seja pelo crescimento assustador da

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientadora do trabalho. Professora Auxiliar de Ensino da UFAC, Bacharel em Comunicação Social. Especialista em Informática e Educação. Atualmente ministra aulas de Fotografia e coordena o Curso de Jornalismo da UFAC, email: aleta.ac@gmail.com.

³ Professora Adjunta de Ensino da UFAC. Doutora em Educação, tutora do PET-Educação Física/UFAC, professora do Curso de Educação Física, email: mariasocorrocraveiro@gmail.com.

⁴ Projeto PIBIC/CNPq, coordenado pela Profa. Esp. Aleta Tereza Dreves, tendo como bolsista a discente do curso de Comunicação Social – Jornalismo, Stael Maia Moura.

⁵ O projeto é desenvolvido no *Programa de Educação Tutorial* (PET/Educação Física/UFAC), tendo como tutora a Profa. Dra. Maria do Socorro Craveiro de Albuquerque, e conta com apoio financeiro do Ministério da Educação (MEC).

informática e os efeitos da mídia e por outros interesses materiais. De qualquer modo, a magia da infância vai perdendo espaço, e vão surgindo cópias de adultos, distanciados do bem mais caro que o início da vida e o que seus conhecimentos podem produzir: a infância.

Por meio do registro desta cultura nos parques de Rio Branco, entendemos o ato fotográfico como forma de manifestação e expressão estética de um olhar subjetivo. Fotografia como documento histórico: a fotografia como expressão.

A abordagem fotográfica se deu, sob o ponto de vista da fotografia documental, onde além de documentar as atividades este tipo de fotografia é instantaneamente associado com a memória ou o momento único eternizado. A fotografia documental tem por base causar uma reflexão no leitor, telespectador, receptor, sobre determinado assunto. No nosso caso a fotografia documental é realizada no intuito de documentar as atividades, resgatar a memória das brincadeiras, brinquedos e jogos na capital acriana.

Todos sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente. (KOSSOY, 2009, p.133)

Este é um primeiro trabalho que está sendo desenvolvido neste sentido de resgate da memória e fotografia como documento histórico. Neste trabalho resolvemos trabalhar com as crianças, porém paralelamente estamos desenvolvendo o mesmo trabalho com os idosos, para garantia que as antigas brincadeiras e jogos, não se percam ao longo do tempo com a influência televisiva ou das tecnologias. Pretendemos aprofundar em outros trabalhos os conceitos aplicados aqui, usando a fotografia e vídeo, através de registros de depoimentos. Pois entendemos que as brincadeiras, brinquedos e jogos aqui utilizados possuem uma influência brasileira, indígena e dos países da América Latina que fazem divisa com o Estado do Acre.

Este trabalho justifica-se socialmente pelo fortalecimento das identidades socioculturais dos cidadãos rio-branquenses. Do ponto de vista acadêmico buscamos da consolidação dos cursos de Educação Física (Bacharelado e Licenciatura) e Comunicação Social (Bacharelado em Jornalismo) da Universidade Federal do Acre, pelo estabelecimento de parcerias com diversas instituições, dentre elas, Prefeitura Municipal de Rio Branco (PMRB), Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil (FGB), Centro de Documentação

e Informação da Ufac, executando assim a interdisciplinaridade dos Cursos de Graduação e disciplinas afins.

Nossa questão de pesquisa foi: Quais as possibilidades de utilização do registro fotográfico da cultura lúdica rio-branquense como documento histórico? Tivemos como objetivo registrar por meio da fotografia, a cultura lúdica dos cidadãos rio-branquenses buscando fortalecer suas identidades culturais.

Com o avanço dos equipamentos tecnológicos fotográficos, da popularização do registro digital, sendo elas em celulares, máquinas fotográficas, *tablets*, computadores. Tudo e todos fazem o registro fotográfico de momentos que querem lembrar. Usando-se assim a fotografia como memória, independentemente se nela está ou não incutida à visão ideológica do fotógrafo. A fotografia não faz parte apenas do registro memorial, ela é um documento histórico, ela nos faz entender fatos da história e suas múltiplas interpretações.

De acordo com Cesar & Piovan (2007), podemos separar a fotografia chamada de “profissional” em cinco categorias: fotojornalismo, fotografia publicitária, fotografia de moda, fotografia documental, fotografia de gente.

A fotografia publicitária é aquela que produz fotos apenas destinadas ao mercado de consumo. A fotografia de moda é aquela que é realizada em lugares específicos principalmente em desfiles, tratando uma única temática, a moda. A fotografia de gente é aquela realizada em todo e qualquer momento onde seu objeto de foto é gente, podendo ela ser documento, registro e até fotojornalismo.

Para este trabalho, destacamos duas das categorias: fotojornalismo e foto documental. Ambas estas categorias denominadas por Cesar & Piovan (2007) como profissionais, são indissociáveis, tendo diferenciações apenas na forma de execução.

O fotojornalismo eterniza a história em cada foto e, sempre, indiscutivelmente, de um jeito único, haja vista que cada fotógrafo tem sua interpretação do fato, seu ponto de vista, sua maneira exclusiva de olhar através da lente e registrar os acontecimentos, sejam eles belos ou cruéis. Dignas de publicação, fotos jornalísticas são retrato da verdade (...)” (CESAR & PIOVAN, 2007, p. 31).

Na foto documental o profissional da fotografia, pode preparar um projeto para execução, estudar as condições dos lugares, levar de maneira mais profunda uma reflexão ao leitor/espectador/receptor sobre o ambiente fotografado. O brasileiro Sebastião Salgado, premiado e considerado pela maioria dos fotógrafos e veículos de comunicação como entre os dez melhores fotógrafos do mundo, citado por Cesar & Piovan (2007) esclarece:

Não vejo diferença entre a fotografia documental e o fotojornalismo. São partes do mesmo todo. O que acho interessante da fotografia é o instantâneo, que tanto o que faz a fotografia documental quanto o que trabalho com jornal tem. Ele tem que ir em busca da novidade. Captar numa fração de segundo a novidade dessa sociedade em que vive. (...) Quando vejo as fotografias de estúdio, ou imagens que demoram horas para serem feitas, então acho que essa abertura para as novidades da vida é cancelada. (CESAR & PIOVAN, 2007, p. 47).

Cultura e Cultura Lúdica

Em sua origem a palavra cultura – do verbo latino *colere* – é a ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou alguém. No Ocidente, a partir do século XVIII torna-se sinônimo de civilização, e com o advento do Iluminismo no século XIX, reaparece ao se constituir um ramo das ciências humanas, a antropologia (social e política), nas quais cada cultura exprime, de maneira histórica e materialmente determinada à ordem humana simbólica com individualidade e estruturas próprias, e, de modo abrangente passa a ser entendida como:

Produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas de trabalho, vestuário, habitação, culinária, das expressões de lazer, da música da dança (...) campo no qual os sujeitos humanos elaboram signos e símbolos, instituem as práticas e valores, definem para si próprios o possível e o impossível (...) (CHAUÍ, 2008, p. 57).

Já Canclini propõe restringir o uso do termo cultura para a:

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. CANCLINI (1983, p. 29)

De acordo com Silva (1988), para entendermos a cultura temos que aprender algumas lições: Toda cultura é um *código simbólico*, construído socialmente (pelos grupos sociais – pelas pessoas reunidas em sociedades), compartilhado por todos os membros do grupo social que a construiu. É possível *aprender* modos novos, diferentes dos nossos, de ver o mundo e dar significado às coisas. Ou seja, a comunicação/diálogo é possível entre culturas diferentes.

As culturas se modificam porque a situação dos grupos humanos no mundo vai historicamente se transformando também. Se as experiências concretas de vida se

modificam, as pessoas precisam encontrar novos símbolos que traduzam ou expressem os significados que elas vão atribuindo às novas situações que vão vivendo. Há uma *igualdade básica* entre os seres humanos, e há uma *capacidade comum* a todos de *produzir cultura*.

Nesse contexto, os seres humanos criaram no decorrer de sua história, diversos tipos de práticas corporais – de maneira a garantir sua sobrevivência no planeta – enfrentando as barreiras da natureza e desenvolvendo soluções no cotidiano para atender suas necessidades básicas: alimentar-se, proteger a prole, domesticar o fogo, construir habitações, caçar, pescar, dançar, comunicar-se, celebrar, dentre outras.

Nesse processo os grupos humanos foram desenvolvendo a **cultura material** (utensílios, ferramentas, adornos, meios de transporte, moradias, armas etc. - que formam o ambiente concreto de cada sociedade) e a **cultura imaterial** (os diversos tipos de saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, linguagens, celebrações, festas, danças, lendas, músicas, costumes, etc. – que formam o ambiente intangível de cada grupo social).

Assim, podemos dizer que as práticas corporais são práticas culturais. Ou seja, existe uma **Cultura Corporal**⁶ presente em todas as sociedades. Ela é o resultado dos conhecimentos sobre o corpo, que foram acumulados pela humanidade. Tais conhecimentos foram produzidos na relação dos seres humanos entre si e com a natureza, de modo a obter respostas satisfatórias às necessidades humanas (alimentação, proteção dos filhos, abrigo, diversão e culto), como já vimos. Por isso dizemos que estes conhecimentos foram historicamente criados e culturalmente desenvolvidos. A cultura corporal se manifesta em diversos tipos de práticas corporais, tais como: as danças, os esportes, as lutas, as ginásticas, as mímicas, as dramatizações e a cultura lúdica.

A **cultura lúdica**, por sua vez, faz parte das práticas corporais que são aprendidas nos grupos sociais dos quais a criança faz parte, e se manifestam nos **jogos, nos brinquedos e nas brincadeiras**.

A cultura lúdica dispõe de certa autonomia, de um ritmo próprio, mas só pode ser entendida em interdependência com a cultura global de uma sociedade específica (...) recebe estruturas da sociedade, conferindo-lhe um aspecto específico. Na verdade, esta é diferenciada: diferença de sexos, de gerações, até mesmo de idade, de meio social, de nações e de regiões (...) na verdade é também estratificada, compartimentada, e não acontece do mesmo modo em todos os lugares onde a brincadeira é possível (...). Enfim, poder-se-ia pensar que essa cultura lúdica irá constituir uma bagagem cultural para a criança e se incorporar de modo

⁶ Coletivo de Autores, 1992.

dinâmico à cultura, à capacidade de criação do futuro adulto (BROUGÈRE, 1997, p. 52).

O Registro Fotográfico da Cultura Lúdica de Rio Branco

O projeto *Cultura lúdica de Rio Branco* é desenvolvido em parques municipais (Capitão Ciríaco, Horto Florestal, Placas e Taquari) e centros culturais (Lydia Hammes, Thaumaturgo Filho e Neném Sombra). As ações de extensão do projeto ocorriam duas vezes por semana, no período vespertino, no horário das 15h. às 17h. Além das oficinas de jogos, brinquedos e brincadeiras, os oito bolsistas divulgavam o projeto de casa em casa, ou nas escolas, levando informações aos pais e familiares das crianças.

Outro aspecto do projeto foi à realização de pesquisa sobre as memórias de infância dos adultos e idosos, moradores dos bairros onde se realizavam as ações, onde foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e vídeo, além da fotografia, pois, registrando esses fragmentos de memória, poderíamos verificar se as brincadeiras de outra geração de nossa cidade ainda estavam acontecendo, se foram modificadas ou substituídas por outras. Com isso obtinha-se um mapeamento de nossa cultura lúdica local, por meio de diversos registros.

Os registros das imagens foram feitos a partir de um acompanhamento contínuo nos parques de Rio Branco-Ac, no período de agosto de 2010 a novembro de 2011, duas vezes por semana, sempre acompanhado por um grupo de bolsista do PET, todos discentes do Curso de Educação Física.

Eram feitas nessas ocasiões, cerca de quinhentas fotografias, que logo após passavam por um processo de seleção e organização. O registro das imagens foi feito a partir da utilização de uma câmera fotográfica da marca Nikon modelo D60, objetiva 18-55mm. Que possui distâncias focais de grande-angular e normal.

Por fim realizou-se a categorização do material de modo a que pudesse ser utilizado nos diferentes momentos do projeto e para usos diferenciados.

Resultados e Discussão

A partir do invento da fotografia discute-se e analisam-se as questões proeminentes do ato de fotografar, gerando amplo debate entre diversos autores, como veremos a seguir, sobre o que é a fotografia e suas possibilidades tanto artísticas quanto sociais.

Partindo da perspectiva histórica e cultural da importância da fotografia na sociedade como um meio de comunicação, a imagem passa através do olhar do fotógrafo, que registra, informa, comunica as cenas como testemunho, depoimento de acontecimentos e realização de registro e análise imagética.

Em comunicação a discussão tem como pano de fundo o registro da identidade, a memória, aprofundando a pesquisa não só face às necessidades de registro e memória, mas discutindo a importância e diferentes resultados utilizados pelo fotógrafo, a busca da linguagem pessoal, e o mundo diferente para cada olhar, utilizando a fotografia como documento histórico.

Desde a invenção da fotografia, por Niépce, Daguerre, Talbot e Florence, que as fotos são e foram utilizadas como forma de registrar os acontecimentos importantes da vida, antes da fotografia este registro era feito pela pintura. A criação da câmara escura com perspectiva de auxílio aos pintores originou o processo fotográfico, aperfeiçoado e desenvolvido por diversos autores, na área da química, física, etc..., além dos acima citados. Por uma ironia do destino o francês Florence, que vive no Brasil, onde hoje é Campinas, descobre como fixar a fotografia, em um processo mais eficaz do que seus conterrâneos franceses. Porém, Daguerre consegue maior visibilidade do seu invento inclusive no Brasil.

A popularização definitiva da fotografia acontece no início do século XIX com a empresa Kodak, a qual cria facilidades para aquisição de equipamentos fotográficos e ampliação/revelação de fotografias.

A imagem tem um papel fundamental na documentação dos acontecimentos, tem poder de informar e desinformar, mas exerce fascínio sobre os homens.

É necessário que se compreenda o papel cultura da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, a sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo em que tem preservado as referências e lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos do homem e das sociedades em suas múltiplas ações, fixando, enfim, a memória histórica, ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. (KOSSOY, 2007, p. 31 e 32)

Ao iniciarmos o trabalho fotográfico, foram registrados os momentos das crianças com suas brincadeiras e brinquedos. Elas se apresentam na “cena”, aparecem, são

vistas e se reconhecem em nossa câmera. Procuram olhar o que está sendo olhado, participam, interagem com a máquina fotográfica. Aglomeravam os olhares sobre o que estávamos fazendo, curiosos olhavam para o visor e identificavam os amigos em imagem. Perguntavam o que estávamos fazendo - o que é isso?

De todas as formas de informação transmitidas pela mídia, a fotografia ou as imagens em geral, constituem um dos sustentáculos da memória. A iconografia produzida de diversas formas de expressão gráfica, como: desenhos, pinturas, gravuras, litografias e fotografias, carregam em si a informação sobre fatos, situações, lugares, edificações, sobre a mentalidade de uma época. Informações estas que, não apenas complementam as transmitidas pelas fontes escritas, como também enriquecem o conhecimento com dados reveladores, dados que por sua vez jamais foram mencionados pela historiografia tradicional.

Há uma proximidade do fotógrafo com as crianças, que a chamam e parecem compartilhar desses momentos, como se estivessem autorizando o olhar delas sobre o que elas olham, e sobre o que acontece na cena dos diversos espaços.

Boris Kossoy (2009, p. 36) chama de “primeira realidade” a imagem captada pelo fotógrafo no instante do acontecimento do fato registrado. A primeira realidade, torna-se o passado propriamente dito. Findando-se esta realidade automaticamente a imagem se integra em uma “segunda realidade” que a realidade da fotografia como documento sujeito a uma série de interpretações diversas em sua trajetória ao longo do tempo e do espaço.

O olhar da câmera percorre os brinquedos, foge das nomeações e caminha para os espaços destinados às brincadeiras. Aparecem brinquedos de todos os tipos, cordas, bonecas e casinhas, carrinhos, e outros tantos feitos com garrafas pet, rolinhos de papel, copos de iogurte, latas, potes plásticos, bambolês, bolas de jornal, tampinhas, bolinhas de gude, enfim uma variedade de brinquedos. As imagens aparecem em vários planos e ângulos, a câmera novamente parece estar como cada uma das crianças. O olhar delas procura posições que demonstrem o que está acontecendo no plano do olhar das crianças.

Assim:

A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo consubstancialmente, uma imagem-

ato, estando compreendido que esse ‘ato’ não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da ‘tomada’), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. DUBOIS (1993, p. 15)

As crianças estão mais soltas e não se preocupam com a câmera, parecem ausentes e presentes. Como nas brincadeiras, estão juntas e sozinhas ao mesmo tempo, brincam livres, deixam-se vagar no frenesi do momento, buscam um universo rico de explorações da alegria.



Figura 1: Pula Corda - PET/Cultura Lúdica no Bairro Taquari em Rio Branco - Acre - Biênio 2010/2011. Foto: Stael Maia Moura



Figura 2: Corrida de Aro de Bicicleta - PET/Cultura Lúdica no Bairro Taquiri em Rio Branco - AC - Biênio 2010/2011. Foto: Alexandre Noronha.

Para Kossoy (2007, p.106), “as imagens têm a função insubstituível como registro dos fatos, cenários e personagens do passado. (...) Assim são construídas realidades, assim é moldada a memória”.

Existe um consenso acerca do mito de que a fotografia é uma espécie de “sinônimo” da realidade. O rastro indicial gravado na foto possibilita certamente, a objetiva constatação da existência do assunto: o “isto aconteceu”, uma vez que a “foto leva sempre seu referente consigo” como assinalou Barthes (KOSSOY, 2005, p. 40)

Saber suas preferências, assim como suas ausências é um bom começo para percebermos o que é o tempo da criança e sua relação com o brincar e o brinquedo. O código (signo) fotográfico possui um caráter documental, relacionado a uma realidade concreta. No entanto essa realidade é apenas uma representação que possibilita ao observador imaginá-la e interpretá-la.

Olga Simson (2005), acrescenta que:

Desde os anos trinta e quarenta, com a ‘democratização’ do registro fotográfico mediante o surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente baratas, que permitiram a fixação rápida e fácil de “instantâneos”, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético. SIMSON (2005, p. 20)

Diante deste pensamento podemos afirmar que o registro da imagem, ou registro imagético, tem se tornado constante na contemporaneidade, ainda mais em tempos que o avanço da fotografia digital está em constante ascensão, possibilitando que qualquer um possa fazer o registro, com máquinas fotográficas em um simples celular.

O processo de construção da realidade fotográfica pode ser construído através de pontos distintos, com a fotografia analógica acreditamos que sejam dois pontos, o ponto de vista do fotógrafo e o ponto de vista do observador. Já na fotografia digital este cenário pode mudar de configuração, podemos ter o ponto de vista do fotógrafo, o ponto de vista do manipulador/tratador/editor da imagem digital, onde ambos podem divergir e o ponto de vista do observador.

Para Kossoy (2005, p. 40), acrescenta-se a isso, que: “a imagem fotográfica pode ter múltiplas faces e realidades. A primeira é mais evidente, visível. É exatamente o que está ali, imóvel no documento”. A segunda realidade como já citamos também na visão de Kossoy (2005) é o conteúdo da imagem “(passível de identificação)”.

Atualmente, devido ao largo acesso a dispositivos de captura de imagens digitais como: celulares, câmeras digitais automáticas de baixo custo, etc. as novas gerações já possuem um nível intermediário de alfabetismo visual e de certa forma já atuam no papel de produtores de imagens fotográficas.

Leite (2005, p. 38) acrescenta que: “Ao se fixar instantes, garante-se a permanência de condições consideradas inesquecíveis”. Com isso, Simson (2005, p. 43), afirma que atualmente: “Estamos sempre recorrendo a fotografias para orientar a reconstrução dos acontecimentos retratados em diferentes ocasiões”.

Ademais, nunca se produziu tantas imagens como nesta última década e essa profusão de imagens fotográficas acaba por banalizar o processo de captação e apreciação de fotografias, esvaziando de sentido os signos produzidos pelo senso comum.

Simson (2005, p. 31) considera que “o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal texto orientador de construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais”. Ressaltando a afirmação de Kossoy (2005, p. 40) em que: “A fotografia é memória, e com ela se confunde”. Assim temos um ponto de partida para reconstruir a história que a memória nos ajuda a contar.

Organizar a produção, compreender a sua importância, tornar uma experiência de reflexão a sua execução e finalização por parte de novos fotógrafos ou público restrito é um desafio grande, em que a fotografia, educadores, fotógrafos documentaristas e todos que objetivam o senso crítico perante a imagem, enfrentam nos dias atuais. Porém, o desafio é facilitado devido ao fascínio que a fotografia, sua prática e sua observação exercem nos seres humanos.

A fotografia é capaz de fazer o indivíduo pertencer à situação representada, é um campo onde se resgata ou se fabrica memórias, tendo como base as experiências individuais, filtros culturais, vivências, regionalidade, onde o observador está inserido.

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longa da vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista tem sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o *start* da

lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 2005, p.43)

O autor ainda acrescenta que “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento real visível destacando-o do contínuo da vida”. (KOSSOY, 2001, p. 101)

A fotografia sobrevive, mesmo até o desaparecimento dos seus referentes, mesmo apesar das modificações dos lugares e tempos, o que permanece o momento registrado é único e não se extinguirá jamais.

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive... (KOSSOY, 2005, p. 43)

Outro ponto que vale ressaltar:

A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. A imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte história. Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada (...). Não é demais enfatizar que este conteúdo é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar (...) (KOSSOY, 2001, p. 107)

Enfim, pode-se dizer que fotografia vem sofrendo mudanças, devido à evolução da tecnologia e a digitalização, perdendo seu caráter natural (original), mesmo que ideologicamente, visto que atualmente essa passa por um processo de manipulação e modificações, sendo difícil diferenciar o que é real e o que foi alterado intencionalmente. Se antes a fotografia continha apenas um olhar ideológico no ato do registro da imagem, nos dias atuais, tempos de fotografia digital, ela pode conter vários olhares ideológicos, dependendo do seu processo de apuramento, tratamento ou manipulação.

Considerações Finais

O registro da memória lúdica é entendido aqui como a socialização que pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura específica compartilhada por um grupo

social (os cidadãos rio-branquenses). Nesse sentido, nossa cultura dispõe de um “banco de imagens” consideradas como expressivas de nosso espaço cultural. É com essas imagens que adultos e crianças podem se expressar e se relacionar com o mundo, com as outras pessoas, através da mediação simbólica das imagens e dos significados diversos que a cultura dessa determinada sociedade nos fornece.

Os registros fotográficos possibilitaram-nos utilizá-los de diversas formas: exposições fotográficas, filmes, pôster, postagens em blogs⁷, banco de imagens e como recurso didático nas aulas, respectivamente, de fotografia (Jornalismo) e metodologia da pesquisa (Jornalismo e Educação Física). Os registros fotográficos deste trabalho também estão aliados aos registros audiovisuais do projeto que trata a cultura lúdica de Rio Branco, como resgate da memória desenvolvido com os idosos, pelo mesmo programa PET. O qual não nos estendemos aqui, pois, a participação do curso de Comunicação ainda não é efetiva. E será objeto de estudo em outra oportunidade.

A maioria das imagens registradas neste processo não sofreram nenhum tratamento digital, foram catalogadas e disponibilizada na sua forma bruta, ou seja, “original”. Este é um viés desenvolvido pelo curso de Comunicação na disciplina de Fotografia, onde, quando trabalhado a construção do olhar fotográfico, preferimos o registro das imagens digitais, como se fossem analógicas, procurando assim estabelecer o contato mais mecânico com o equipamento, regulando manualmente, obturador, diafragma, profundidade de campo, foco e no que diz respeito do olhar em questão cor da imagem. Se o fotógrafo decidiu por um registro em preto e branco o mesmo é feito direto da máquina fotográfica, evitando assim a transformação da imagem, tratamento ou manipulação por meio de computador.

Esta construção de olhar tem como o foco da naturalidade da imagem, como o fotógrafo está vendo em cena. Além dos que estudos e do uso de autores teóricos que trabalham diretamente a questão da imagem como fonte de verdade, nossos alunos procuram inspiração nos grandes fotógrafos mundiais como Bresson e Salgado. Profissionais estes que aprenderam na prática as teorias da fotografia e mantém uma característica única de um olhar peculiar e modificação do ser humano na recepção das imagens. Esta nossa escolha de fato não se deve somente a construção do olhar, mas

⁷ Muitas das imagens coletadas podem ser acessadas no Blog do Pet de Cultura Lúdica, disponível em <http://petculturaludica.blogspot.com.br/>

também a precariedade de equipamentos disponibilizados nas universidades públicas, onde o processo burocrático para aquisição destes equipamentos não é instantâneo.

Entendemos que a cultura é um direito básico do cidadão, tão importante quanto o direito ao voto, a moradia digna, a alimentação, a saúde e a educação. Cultura não é só arte, cultura são valores, posturas, hábitos, lugares, conhecimentos, técnicas, identidades comuns e diversas, conceitos, saberes e fazeres múltiplos. Pretendemos ampliar esta pesquisa, estudar mais a fundo a influencia dos jogos, brinquedos e brincadeiras perpetuados na América Latina, partido de Rio Branco – AC, explorando o contexto da Amazônia que compreende Brasil, Peru, Bolívia e procurando estabelecer semelhanças destes jogos com os executados em outros países da América Latina.

No âmbito da fotografia pretendemos utilizar melhor as técnicas aplicadas, aplicar as imagens constituídas neste trabalho em livros, de fotografia, que contenham este resgate histórico e conseqüentemente da memória. Hoje a UFAC, dispõe de maior quantidade de equipamentos fotográficos com melhor qualidade, o que nos possibilita a ampliação do projeto, com mais olhares sobre este determinado assunto que é inesgotável, pois não se pode prever que uma criança sempre vai executar a brincadeira da mesma maneira. Apesar da perpetuação da brincadeira, cada geração, pode adaptar para sua realidade de convivência. Se hoje se brinca de pular corda na grama, amanhã poderemos pular corda no Nintendo Wii⁸.

No fundo apenas desejamos que as crianças, jogos e brincadeira, não sejam reféns de quatro paredes, dos avanços tecnológicos e que as gerações futuras possam contemplar os verdes, os parques, as brincadeiras com o contato humano, como nossa geração contemplou.

Referências

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÉSAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making Of: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. Brasília: Senac-DF, 2007.

⁸ O Wii é um console de videogame doméstico produzido pela Nintendo. É um videogame da sétima geração e o quinto console da Nintendo. O console destaca-se pelo seu controle sem fios, o Wii Remote, dotado de um acelerômetro capaz de detectar movimentos em três dimensões.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. In: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: Junho de 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros Ensaios**. Campinas, S.P: Papyrus, 1994.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia**. In: *SAMAIN, Etienne. O fotográfico*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidade e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente**. In: *SAMAIN, Etienne. O fotográfico*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

SILVA, A. L. **Índios**. São Paulo: Ática, 1988.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Imagem e Memória**. In: *SAMAIN, Etienne. O fotográfico*. São Paulo: Editora Senac, 2005.